

10/03/2017 - 05:00

# Arquitetura do desenvolvimento

Por **Diego Viana**

*Para Paulo Gala, que lança o livro "Complexidade Econômica", Brasil comete erro, há mais de 30 anos, de negligenciar manufatura e os serviços complexos*

O Brasil está incorrendo em um erro repetido ao deixar o real se valorizar, segundo o economista Paulo Gala, do banco Fator e da Fundação Getulio Vargas (FGV-SP). O principal problema está nos efeitos do câmbio sobre a complexidade econômica: a capacidade de produção vai à míngua e vem tornando o país um mero exportador de commodities.

Gala lança no mês que vem o livro "Complexidade Econômica: Uma Nova Perspectiva para Entender a Antiga Questão da Riqueza das Nações" (Contraponto, 144 págs., R\$ 44), em que explora uma vertente recente da pesquisa em economia: o conceito de complexidade. A complexidade é uma ideia herdada da física, mais especificamente a ciência das redes, estudada por pesquisadores como Albert Barabási, hoje na universidade Northeastern. Em 2011, o físico Cesar Hidalgo (MIT) e o economista Ricardo Hausmann (Harvard) lançaram o "Atlas da Complexidade Econômica", em que exploram as redes de produtos exportados ao redor do mundo.

## Leia mais

1. [De gala, o baile oficial de Donald Trump não tinha nada](#)
2. [Imposto sobre valor agregado poderia elevar PIB em 10%, estima Appy](#)
3. [Desindustrialização precoce, recessão e crise fiscal](#)

Segundo Gala, a análise da complexidade e do comércio em rede demonstra como a estrutura produtiva de um país é altamente determinante para a riqueza de sua população, o desenvolvimento de suas instituições e a redução da desigualdade. O conceito também põe em xeque a convicção, comum entre economistas, de que a estrutura produtiva é irrelevante para o desenvolvimento. Por isso, negligenciar a manufatura e os serviços complexos é um erro fatal que o Brasil está cometendo sistematicamente há mais de 30 anos.

**Valor:** *O livro do senhor resgata os autores estruturalistas latino-americanos, além de afirmar a importância de incentivar a produção industrial. É uma crítica à teoria econômica atual?*

**Paulo Gala:** Meu objetivo com esse livro é chacoalhar o economista que ainda tem alguma dignidade como cientista. Dizer: "Olhe os dados!". Ouvimos muito dos economistas neoclássicos que só eles trabalham com dados, mas os dados dizem o oposto do que eles afirmam.

**Valor:** *Como se mede a complexidade?*

**Gala:** A complexidade é diversificação qualificada, ou seja, exportar produtos diversos, mas ponderando pela quantidade de países que também exportam aqueles produtos. Tanto Paquistão quanto Cingapura exportam 130 produtos, mas a complexidade deles não é igual. Os produtos que Cingapura exporta são mais qualificados, poucos países os exportam. Quem informa a qualificação dos produtos são os dados empíricos analisados pelo algoritmo. Foi assim que descobriram que a soja não é complexa: quem produz muita soja tem pouca diversificação, e com produtos ubíquos.

**Valor:** Qual é a correlação com o valor agregado?

**Gala:** Uma correlação enorme. Mas a mais importante não é essa, e sim a da renda per capita. Todos os países de renda per capita elevada têm uma complexidade elevada, e os com renda per capita baixa têm complexidade baixa. Ou seja, os ricos produzem coisas com alto valor agregado.

**Valor:** A Austrália não investiu em indústria e se desenvolveu. É um contraexemplo?

**Gala:** A Austrália teve 25% do PIB em indústria em 1960. É um país industrializado. O Brasil, no auge, chegou a cerca de 30%. A Austrália desindustrializou, hoje deve estar no máximo em 12% ou 13%. Já teve complexidade alta para um país rico em recursos naturais. Isso posto, a Austrália é um ponto fora da curva. Pelo nível de renda per capita que tem, deveria ter mais complexidade e participação no emprego industrial.

**Valor:** Por quê?

**Gala:** No fundo, é uma Arábia Saudita de recursos minerais. Quais são os países ricos sem complexidade? São os países que têm uma base em recursos naturais muito grande em relação à população. Emirados Árabes, Qatar, Arábia Saudita, Chile. A Austrália também conseguiu construir um setor de serviços sofisticados. Isso é importante. As pessoas dizem que a indústria perdeu relevância e os serviços ganharam. É verdade. Mas tem dois tipos de serviço, os sofisticados e os simples. Banco, design, advocacia versus cabeleireiro, frentista, padaria. Perder indústria e ganhar serviço sofisticado não é um problema. Mas o Brasil perdeu uma indústria que já era ruim e restaram serviços simples. Não é a mesma coisa.



*Jato Phenom 300, da Embraer, empresa citada por Paulo Gala como exemplo de indústria complexa*

**Valor:** O Brasil também é rico em recursos naturais. Seria o caso de investir em serviços qualificados?

**Gala:** Já estudei muito esse tema e posso dizer que não existe a possibilidade de um caminho australiano para o Brasil se desenvolver. O Brasil, por exemplo, tem cerca de 40% do mercado mundial de minério de ferro. Mas, se contar tudo em torno da indústria extrativista, não chega a 1% do PIB. Em porcentagem de emprego, pior ainda, não dá 0,3%. No mundo inteiro, a indústria extrativa não emprega nada. Mesmo na Austrália, ela emprega 2% da força de trabalho. Imagine se tomássemos o mercado mundial inteiro. O que acontece com o Brasil? Quase nada. Emprego a 0,7% e 2% do PIB. O mesmo raciocínio vale para a soja.

**Valor:** Qual é o papel da educação na complexidade?

**Gala:** A educação é importante e é o caminho do ponto de vista civilizatório. Mas, por que, na economia, ela não basta? Porque o importante é o conhecimento produtivo, técnico. O que é relevante para a indústria de relógios é saber fazer relógio. Não adianta ser bem-educado se não tiver esse conhecimento na estrutura produtiva. É ela que condiciona a dinâmica. Quem nunca teve indústria de relógios provavelmente jamais terá. Não tem trabalhadores, engenheiros, empresas de marketing para fazer design. Não é uma questão educacional. Como Bangladesh começou a fazer tecidos? Na Coreia do Sul, começaram a contratar operários de Bangladesh para as fábricas de tecido. Eles aprenderam, voltaram e passaram a fazer em casa. No Brasil, não adianta achar que basta dar educação. Agora é tarde, nosso sistema produtivo está no vinagre.

**Valor:** *Parece um cenário pessimista.*

**Gala:** Altamente pessimista. No curto prazo estamos mal, no longo prazo estamos pior ainda. A estrutura produtiva brasileira está minguando. Vejo isso e me dá um desespero. Os economistas brasileiros não conseguem enxergar o problema. Eles acham que a indústria nem sequer importa! Olha a participação no emprego! O economista vai dizer que o empregado em padaria é a mesma coisa que em indústria? Não é. A inteligência brasileira não conseguiu entender isso. Pode ser denegação.

**Valor:** *Até que ponto é possível planejar a construção da complexidade? A China seria um caso bem-sucedido e o Brasil, caso de fracasso?*

**Gala:** Dá para planejar totalmente? Não, porque dá problema. Aqui teve o problema dos campeões nacionais, que quebraram. Não dá para construir complexidade na marra. Quem faz isso são as empresas, ao conquistar mercados de forma eficiente. Mas abrindo o mercado, deixando ele funcionar livremente, a complexidade virá por si só? Também não. As posições mais complexas já estão tomadas. A complexificação se dá principalmente no setor de bens transacionáveis. Tudo isso já está tomado pelas corporações multinacionais.

**Valor:** *O que há entre os extremos?*

**Gala:** O Estado tem que dar indicações. Mas não é a política industrial antiga, do protecionismo, criando uma estrutura dependente de tarifas para sustentar uma indústria ineficiente. E não é abertura completa, porque a concorrência internacional vai matar sua indústria. O Estado precisa articular com o mercado esse meio, para achar os caminhos. A palavra é pragmatismo. Foi o que os asiáticos fizeram. Muita intervenção, como na América Latina. Mas por que o intervencionismo asiático deu certo e o latino-americano deu errado? Eles acertaram no pragmatismo.

**Valor:** *Na América Latina, durante algum tempo houve uma industrialização acelerada.*

**Gala:** As pessoas estranham que até 1980 a produtividade brasileira crescia 3% ao ano, depois nunca mais cresceu, e ninguém parece saber o que aconteceu ou o que fazer. Ora, todos criticam o que se fazia no Brasil até os anos 70, mas a produtividade crescia 3% ao ano. A Embraer é um excelente exemplo. Do lado estatal e do lado privado. Uma empresa como a Embraer jamais existiria se não fosse o Estado. Quase quebrou, mas na hora certa entrou o BNDES, salvou a empresa, privatizaram e a empresa bombou. É uma das indústrias mais complexas que tem no país. Ela simboliza a necessidade de união, articulação e pragmatismo.

**Valor:** *Uma crítica ao modelo de industrialização brasileiro é que ele negligenciou o mercado externo.*

**Gala:** Concordo com a crítica. O modelo asiático foi mais focado no mercado externo. Eles também têm campeões nacionais. Só que os deles viraram campeões internacionais. Hyundai, Samsung. O mercado interno brasileiro é ao mesmo tempo uma oportunidade e uma ameaça. É uma tentação negligenciar o mundo e vender aqui mesmo. Agora está acontecendo a mesma coisa. A economia vai começar a se recuperar, o mercado interno vai crescer um pouco, vamos parar de exportar, o câmbio vai ficar sobreapreciado.

**Valor:** *As medidas para recolocar a economia nos trilhos têm impacto na complexidade?*

**Gala:** Está sendo cometido novamente o erro do câmbio valorizado. Não existe variável mais importante para a complexidade que o câmbio competitivo. Os bens complexos são transacionáveis e comerciados no mercado mundial. Sempre que o câmbio desvaloriza, aumenta a rentabilidade de bens transacionáveis. Quando o câmbio aprecia, só se consegue vender commodities. Foi o que aconteceu com o Brasil nos anos 90. A Embraer, com o dólar a R\$ 4, é um monstro no mundo. A R\$ 3, ela ainda é competitiva. Talvez a R\$ 2,5 ela não seja. O setor produtivo está na lona, mas o mercado financeiro está felicíssimo. O câmbio apreciado é uma droga que vicia. Quase uma morfina.

**Valor:** *Como lhe parecem os tratados como Acordo de Parceria Transatlântica de Comércio e Investimento, Tratado Transpacífico etc.?*

**Gala:** Penso nisso em termos de divisão internacional do trabalho. EUA, Europa e a Ásia dinâmica produzem manufaturas. São complexos. América Latina, África e Ásia não dinâmica produzem commodities e são não complexos. Todos esses tratados querem manter essa estrutura produtiva no mundo. É preciso ter visão estratégica. Por exemplo, nas patentes. Todo mundo roubou patente. É claro! Se tem patente, não se consegue entrar naquele mercado. O chinês não dá a menor bola pra patentes. O que os acordos fazem? Querem reforçar a patente, porque é o canal de entrada.